



A história de Steve Saint
não é apenas sobre perdão;
é sobre **obediência**.
Obediência a um
chamado que exige abrir
mão de certezas, **enfrentar**
medos e caminhar na
direção daquilo que parece
impossível.

E esse é também o chamado da Igreja brasileira!

O livro “*Na Ponta da Lança*” não chega até nós como mais uma leitura inspiradora, mas como um clamor urgente: o mesmo evangelho que transformou guerreiros com mãos manchadas de sangue é capaz de transformar qualquer nação, cidade, vila ou coração que ainda não foi alcançado.

Este livro é um convite.

Para conhecer a história dos mártires que desafiaram o impossível.

Para enxergar a selva como altar e não apenas como cenário.

Para ouvir a voz de Deus ecoando da história de um povo que passou da lança à paz.

O ramos para que **esta obra reacenda na Igreja Brasileira a chama missionária que não negocia a cruz e se dispõe a Graça do Mar-tírio**. Que possamos nos unir ao clamor que nasceu na selva: “*Eis-me aqui, Senhor. Envia-me.*” O fim da lança não foi o fim da história. Foi apenas o começo!

**Separamos um trecho curto do livro
para que você possa entender o coração
da sua mensagem:**

**O Dia em que Steve foi batizado
por quem antes, assassinou seu pai...**

“Kimo falava com *Waengongi* – Deus – enquanto alguns de nós baixamos nossas cabeças: “Muito tempo atrás viemos aqui para fazer uma coisa muito, muito má. Mas agora, falando bem Seu nome e com Você no nosso coração, nós voltamos para fazer uma coisa boa. Vamos levar essas quatro pessoas para água, elas vão morrer para o jeito antigo de viver e vão mostrar que querem mesmo andar na Sua trilha agora, seguindo Itota, Seu único Filho, aquele que abriu a Sua trilha para nós.”

Não passou pela minha cabeça, até o momento que Kimo orava, que ele e Dyuwi já conheciam bem esta faixa de areia. Os homens que escolhemos para nos batizar eram os mesmos que mataram meu pai e os outros homens, neste mesmo lugar. Parecia algo muito fora do normal que homens tão gentis, de quem gostávamos muito e que, obviamente, gostavam muito de nós também, tivessem cometido algo tão terrível. Eu não tinha esquecido a dor de perder meu pai, mas não me imaginava não amando Kimo, Dyuwi, nem os outros Waodani que vieram conosco a este lugar tão terrível e tão maravilhoso.

Então, Kimo e Dyuwi levaram Kathy, Oncaye, Iniwa e eu também até a água e nos abaixaram ali como se estivessem nos enterrando. Quando nos ergueram de novo, eles nos disseram para vivermos uma vida feliz e em paz, seguindo a trilha de Deus.

Todos nós nos reunimos de volta na praia enquanto Dyuwi orava. Dyuwi, normalmente um homem de poucas palavras, vai longe quando fala com Waengongi. Eu abri os olhos, pensando porque manter os olhos fechado naquele lugar onde há tanto para se ver. Na areia, bem no meio do nosso círculo, havia uma borboleta bem amarela que parecia demais com o pequeno avião Piper Cruiser amarelo do papai.

GREEN WINDOW

